

clássicas

Editoras: Marcia Rangel Candido
e Verônica Toste Daflon

v.6, n.11, 2017 (IESP-UERJ)



ENSAIOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

“As noivas de Satã”: misoginia e bruxaria no Brasil colonial

Por Carolina Rocha

O grito de independência das mulheres latino-americanas

Por Lília Macêdo

ENTREVISTAS

Bila Sorj

Socióloga e pioneira nos estudos de gênero no Brasil

Hebe Vessuri

Antropóloga e especialista em estudos sociais sobre a ciência na América Latina

RESENHAS E CRÍTICAS

“União Operária”, de Flora Tristán

Por Felipe da Silva Santos

“Calibã e a Bruxa”, de Silva Federici

Por Mariane Silva Reghim

AUTORAS CLÁSSICAS

Aleksandra Kollontai || Charlote Perkins Gilman || Clara Zetkin || Flora Tristán || Harriet Martineau || Harriet Taylor Mill || Mary Wollstonecraft || Nísia Floresta || Olympe de Gouges || Simone de Beauvoir || Sojourner Truth || Virgínia Woolf || e mais

TEXTOS POR

Anita Guerra || Lorena Marina dos Santos Miguel || Lolita Guerra || Luna Campos || Nicole Midori Korus || Teresa Soter || Vaneza de Azevedo

clássicas

editoras

Marcia Rangel Candido
Verônica Toste Daflon

assistente editorial

Mariane Silva Reghim

projeto gráfico

Ana Bolshaw

ilustração de capa

Sophia Pinheiro

autoras

Anita Guerra
Carolina Rocha Silva
Felipe da Silva Santos
Lília Maria Silva Macêdo
Lolita Guerra
Lorena Miguel
Luna Campos
Mariane Silva Reghim
Nicole Midori Korus
Teresa Soter Henriques
Vaneza de Azevedo

comitê editorial

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)
Anna Carolin Venturini, IESP/UERJ
Felipe Munhoz de Albuquerque, IESP/
UERJ
Leonardo Nóbrega da Silva, IIESP/UERJ
Marcelo Borel, IESP/UERJ
Marcia Candido, IESP/UERJ
Marina Rute Pacheco, IESP/UERJ
Mariane Silva Reghim, IESP/UERJ
Natália Leão, IESP/UERJ
Raul Nunes de Oliveira, IESP/UERJ

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos

Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, 2017.

ISSN 2238-3425

Instituto de Estudos Sociais e Políticos
(IESP)

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ)

Rua da Matriz 82, Rio de Janeiro - RJ

Índice

apresentação

MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 6

entrevistas

BILA SORJ: SOCIOLOGA E PIONEIRA DOS ESTUDOS DE GÊNERO
NO BRASIL
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 8

HEBE VESSURI: ANTROPÓLOGA E ESPECIALISTA EM ESTUDOS
SOCIAIS SOBRE A CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 10

clássicas

HARRIET MARTINEAU: A CONTRIBUIÇÃO ESQUECIDA DA PRIMEIRA
SOCIOLOGA
LORENA MARINA DOS SANTOS MIGUEL _____ 16

ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE FLORA TRISTAN:
FEMINISMO, SOCIALISMO E VIAGENS
LUNA CAMPOS _____ 30

GÊNERO, RACIONALIDADE E ESCRITA EM "O PAPEL DE PAREDE
AMARELO", DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN
TERESA SOTER _____ 40

UMA BRASILEIRA ILUSTRE: NÍSIA FLORESTA E A LUTA POR LIBERDADE
E DIREITOS
VANEZA DE AZEVEDO _____ 52

artigos e ensaios

O QUE É UMA MULHER? VERSÕES E CONTRAVERSÕES DO
ESSENCIALISMO FEMININO
ANITA GUERRA _____ 58

"AS NOIVAS DE SATÃ": MISOGINIA E BRUXARIA NO BRASIL COLONIAL
CAROLINA ROCHA _____ 68

O GRITO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES LATINOAMERICANAS
LÍLIA MACÊDO _____ 80

"MÃE!" (2017) E O MITO DA MULHER ETERNA
LOLITA GUERRA _____ 90

RETOMANDO O DEBATE IGUALDADE VS. DIFERENÇA A PARTIR DE
AUTORAS CLÁSSICAS: UM ARGUMENTO INTERMEDIÁRIO
NICOLE MIDORI KORUS _____ 110

resenhas e críticas

"UNIÃO OPERÁRIA", DE FLORA TRISTÁN
FELIPE DA SILVA SANTOS _____ 124

"CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA",
DE SILVIA FEDERICI
MARIANE SILVA REGHIM _____ 130

Apresentação

Em 1883, nas primeiras linhas de seu ensaio clássico “A mulher como inventora” (Woman as an inventor), Matilda Joslyn Gage chamou atenção para como era comum a alegação que as mulheres não possuíam atributos intelectuais criativos e que não eram capazes de realizar contribuições originais e úteis à vida social. Ciente de que essa afirmação era usada para justificar a invisibilização e o não reconhecimento do trabalho intelectual e criativo das mulheres, Gage a confrontou com extrema perspicácia: além de resgatar grandes feitos femininos em campos como a ciência, a tecnologia, a literatura, as artes, mostrando que nada na constituição biológica das mulheres as tornava inferiores aos homens, ela também descreveu os fatores estruturais que faziam das mulheres uma parcela minoritária entre os inventores, artistas, cientistas etc de prestígio.

Para tal, mencionou aspectos como a legislação social, a subordinação feminina dentro da família e do casamento, a dificuldade de acesso à educação, entre outros. Passado pouco mais de um século da publicação desse texto, a necessidade de recuperar as reflexões e invenções das mulheres ainda persiste. Na escola, pouco se fala de cientistas e pensadoras do gênero feminino. É comum que estudantes de grandes áreas das ciências humanas concluam suas graduações, mestrados e doutorados sem

serem apresentadas(os) a nenhuma autora clássica.

Esta revista é resultado de um esforço coletivo profundamente identificado com a indignação que moveu Gage em 1883: retomar o passado, contestar o presente e modificar o futuro. No primeiro semestre do ano de 2017, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi cenário de debates, apresentações e aprendizados na disciplina “Gênero na Teoria Social e Política Clássica”.

Nos debruçamos sobre o trabalho de autoras pouco estimadas em nossos círculos e a cada leitura nos surpreendemos com o seu pioneirismo, a engenhosidade das suas análises sobre conjunturas políticas e sociais, e sobretudo nos espantamos com a exclusão injustificável das suas contribuições do cânone da sociologia, filosofia, história, ciência política etc. Com o intuito de ir além dos limites das salas de aula e dar continuidade à difusão desses trabalhos, apresentamos nessas páginas artigos produzidos pelas(os) alunas(os) do curso, bem como colaborações de pesquisadoras convidadas. Esperamos que o contato com essas autoras clássicas provoque nas(os) leitoras(es) o mesmo prazer da descoberta e o deleite intelectual que tivemos ao estudar e

lecionar sobre elas. Agradecemos às muitas mãos que se uniram ao nosso esforço: as autoras e autores dos textos dessa coletânea, as entrevistadas, a artista Sophia Pinheiro, responsável pela ilustração que compõe a nossa capa e a designer Ana Bolshaw, idealizadora do projeto gráfico.

**Marcia Rangel Candido e
Verônica Toste Daflon**

O que é uma mulher?

Versões e contraversões do essencialismo feminino

Anita Guerra

resumo

Essa pequena cronologia procura apresentar algumas das principais respostas a uma pergunta sempre crucial para o feminismo: **o que é uma mulher?** Através da seleção de autoras-chave, busco familiarizar as leitoras com diferentes formulações produzidas para essa questão em diferentes tempos (do século XVIII ao XXI) e espaços (da França pós-revolucionária à América Latina do pensamento decolonial).

Longe de pretender ser exaustiva, essa breve introdução busca demonstrar que olhar para as mulheres que se encontram fora do padrão branco, eurocêntrico e heterossexual é um movimento crítico dos mais produtivos: ele permite desfazer concepções essencialistas de “mulher” e colabora para a construção de um feminismo que engloba o local, o regional, o racial e o sexual.

palavras-chave

feminismos; interseccionalidade; cronologia

Século XVIII, França e Inglaterra: Gouges e Wollstonecraft

Nos primórdios do feminismo ocidental, **Olympe de Gouges** e **Mary Wollstonecraft**, autoras de “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã” e “Uma reivindicação dos direitos das mulheres”, respectivamente, revolucionaram a visão sobre o papel intelectual e social ocupado pelas mulheres até então. Suas obras, realizadas no contexto da queda dos Antigos Regimes na Europa e da ascensão do liberalismo político, foram as primeiras a questionar o lugar feminino e a tentar subvertê-lo.

Porém, seja por uma questão de construção de argumento – de convencimento dos leitores homens de que a desigualdade de gênero é prejudicial à toda a humanidade – ou de uma visão ontológica do feminino, ambas autoras defendem uma ideia de mulher essencialista; a mulher como mãe, como filha e como esposa e, assim, como biologicamente destinadas ao cuidado maternalista. Wollstonecraft afirma, em “Uma reivindicação dos direitos das mulheres”: “Se os homens rompessem com generosidade nossas cadeias e se contentassem com a parceria racional ao invés da obediência servil, iriam encontrar-nos filhas mais obedientes, irmãs mais afetuosas, esposas mais fiéis e

mães mais prudentes – em uma palavra, melhores cidadãs.” (Wollstonecraft, 2014: 179).

É verdade que a mesma autora também foi uma das primeiras a defender que as mulheres não são inferiores aos homens e a tentar desnaturalizar características normalmente atribuídas ao gênero feminino tais como delicadeza, docilidade e infantilidade, indo diretamente contra grandes filósofos da época, como Rousseau. Mas Wollstonecraft não explicita, em sua obra, uma noção de igualdade entre os dois sexos; o que entende-se é que, apesar de terem os mesmos direitos e deveres, mulheres e homens são essencialmente diferentes – o que explica a insistência dela e de Olympe de Gouges em referirem-se às mulheres como esposas, irmãs, filhas e mães; sempre a mulher em função do homem: “As mães, as filhas, as irmãs, representantes da nação, pedem para constituir-se em assembleia nacional”, clama de Gouges em sua “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã”.

Na mesma obra, a autora se refere às mulheres como “o sexo superior em beleza e em coragem, nos sofrimentos da maternidade”; Wollstonecraft, por sua vez, defende que “o cuidado dos filhos na infância é um dos grandes deveres unidos ao caráter feminino por natureza” (Wollstonecraft,

2014: 181). Essas duas afirmações mostram claramente a postura essencialista das autoras em relação às mulheres, com um feminino maternalista “por natureza”. Além disso, ambas as autoras tratam de mulheres brancas e heterossexuais; fatores sociais e políticos que invariavelmente influenciam qualquer questão ontológica.

Século XIX, Estados Unidos: Sojourner Truth

Sojourner Truth, em seu célebre discurso intitulado “E não sou eu uma mulher?”, proferido em 1851, critica justamente essa noção branca e burguesa do feminino ao mostrar que a ela, mulher negra nascida sob escravidão, era negada a ideia de fragilidade feminina e do seu lugar de mãe, demonstrando assim como essas concepções de mulher não eram universais. Truth afirma que sempre foi tratada da mesma forma que os homens na lavoura, arando e plantando, e reivindica seu papel social de mulher negra ao questionar “e não sou eu uma mulher?”. Sua fala poderosa subverteu e colocou em questão a ideia de um feminino inato e genérico.

Século XIX, Alemanha: Karl Marx e Friedrich Engels

Em 1884, Friedrich Engels publica o importante texto “A origem da família, da propriedade e do Estado”. Baseado em pesquisa e em escritos deixados por Marx, Engels produziu uma análise histórica das sociedades humanas que analisa o papel social das mulheres em diferentes épocas e colabora para desnaturalizar a família, demonstrando que o modelo nuclear e monogâmico a que estamos habituados é uma invenção recente. No entanto, apesar de colaborar para desestabilizar a ideia de “família natural”, Engels demonstra ainda uma visão essencialista de gênero:

A divisão do trabalho é absolutamente espontânea: só existe entre os dois sexos. O homem vai á guerra, incumbe-se da caça e da pesca, procura as matérias-primas para a alimentação, produz os instrumentos necessários para a consecução dos seus fins. A mulher cuida da casa, prepara a comida e confecciona as roupas: cozinha, fia e cose. Cada um manda em seu domínio: o homem na floresta, a mulher em casa. Cada um é proprietário dos instrumentos que elabora e usa: o homem possui as armas e os petrechos de caça e pesca, a mulher é dona dos utensílios caseiros. (Engels, 2015: 56).

Qualquer semelhança com o papel atual da mulher na sociedade não é mera coincidência. Apesar de o autor declarar que a primeira opressão de classe, que perdura até hoje, foi a opressão do homem em relação à mulher, ao definir como “espontânea” essa divisão do trabalho em que o homem é o provedor, o bruto, o agressivo; e a mulher, cuidadosa e pertencente ao lar, Engels está afirmando uma pré-disposição dos seres humanos de ocuparem um ou outro papel exclusivamente pelo seu gênero ao longo da história. Essa hipótese é reiterada em diversos momentos no livro. Um exemplo é a afirmação que “o providenciar a alimentação fora sempre assunto do homem” (Engels, 2015: 58. Grifo nosso.), colocando esse lugar masculino de prover à família como algo natural dos homens - e, conseqüentemente, reafirmando a imagem feminina como essencialmente dependente do sexo masculino.

Século XX, França: Simone de Beauvoir e Monique Wittig

Em 1949, Simone de Beauvoir revolucionou o pensamento acerca do feminino com a clássica frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1967: 9) que abre o segundo volume de *O Segundo Sexo*. Ela explica “Nenhum destino biológico,

psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.” (Beauvoir, 1967: 9).

Ao negar um suposto “destino” pré-determinado pela natureza, Beauvoir rompe com o mito da feminilidade eterna, inata e imutável; com o essencialismo do feminino que a tradição científica masculina tentou provar por séculos, como ela mostra no primeiro volume de *O Segundo Sexo*. É clara a referência teórica existencialista em sua tese, uma vez que uma das bases do existencialismo é a afirmação que a existência precede a essência (Röd, 2008). A autora critica explicitamente o que ela chama de “teoria do eterno feminino” (Beauvoir, 1967: 7) ao fazer a seguinte afirmação “Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no estado atual da educação e dos costumes”. Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular” (Beauvoir, 1967:7).

É bem verdade, porém, que Freud – a quem

a autora critica veementemente em sua obra, diga-se de passagem – já havia afirmado que os papéis de gênero são socialmente construídos décadas antes. Afinal, ao afirmar que «a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual” (Freud, 2006: 79), não estaria ele dizendo que não se nasce mulher, mas torna-se? Ele estaria justamente descaracterizando uma análise essencialista da mulher para investigar, em suas palavras, como a mulher “se forma” e “se desenvolve”. Freud escreveu isso em 1933 – 16 anos antes da célebre frase de Beauvoir.

Nesse mesmo texto, que compõe as “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” e trata especificamente da questão da feminilidade, Freud contesta a ideia de uma pré-disposição biológica da mulher de ser maternal e cuidadosa. Ele afirma:

Mesmo as funções de criar e de cuidar do filhote, que temos na conta de papel feminino *par excellence*, não estão invariavelmente ligadas ao sexo feminino, nos animais. Em espécies animais bem superiores, verificamos que ambos os sexos dividem entre si o trabalho de cuidar do filhote, ou que o próprio macho, sozinho,

dedica-se a essa tarefa. Até mesmo na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão como é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino, com passividade. (Freud, 2006: 78).

Assim, Freud, como Simone de Beauvoir, subverteu a ideia de comportamentos inatos correspondentes a um ou outro gênero, seja biológica ou psicologicamente falando, ao reconhecer a questão do feminino e do masculino como desconhecida e não restrita à anatomia (Freud, 2006).

Contemporânea de Beauvoir, Monique Wittig usa seu referencial materialista e antiessencialista no texto “One is not born a woman”, de 1981 - intitulado numa clara alusão à sua conterrânea e antecessora. Wittig reafirma que a visão materialista do feminismo permite a análise de que as mulheres não constituem um grupo natural, mas são “culturalmente imaginadas” como tal.

Para a autora, a maior prova prática de que as mulheres são um produto da cultura patriarcal é a existência das lésbicas. As lésbicas, embora também culturalmente construídas, subverteriam a “conexão heterossexual” entre gênero e sexualidade porque seu significado não seria construído em termos do erótico.

“Por sua própria existência, a sociedade lésbica destrói o fato artificial (social) da constituição das mulheres como um ‘grupo natural’. Uma sociedade lésbica revela pragmaticamente que a divisão dos homens da qual as mulheres são o objeto é política e mostra que nós fomos ideologicamente reconstruídas em um ‘grupo natural’.” (Wittig, 1993: 103).

Wittig critica veementemente as feministas que acreditam que a base da opressão feminina não é só histórica, mas também biológica. Para ela, não se pode assumir pré-disposições biológicas quando se faz um *approach* lésbico da opressão feminina, pois significaria afirmar que a sociedade sempre se constituiu tendo a heterossexualidade como base. «O matriarcado não é menos heterossexual que o patriarcado: só o sexo do opressor que muda» (Wittig, 1993: 104).

Em 1990, Judith Butler publica *Problemas de gênero* e se coloca em uma posição veementemente contrária a Beauvoir, Wittig e Freud. Para ela, a divisão dos gêneros

ANNA RÜLING

O embrião da reflexão acerca do papel das mulheres lésbicas na teoria feminista e social surgiu com Anna Rüling, jornalista alemã considerada a primeira ativista lésbica da História. Em 1904, Rüling fez o discurso “Que interesse tem o Movimento das Mulheres em resolver o problema homossexual?”, extremamente inovador, em que discutia, entre outras questões, as especificidades das homossexuais e questões enfrentadas por elas ao longo da vida tais como prostituição, a descoberta da sexualidade e seu lugar no mercado de trabalho.

Para Rüling, os *Urninds* – denominação vitoriana alemã das pessoas LGBTs cunhada por Karl Heinrich Ulrichs, citado diversas vezes pela autora em seu discurso – seriam uma espécie de terceiro sexo, diferenciado dos homens e das mulheres, que teriam características de ambos os gêneros. Na época ainda não havia a distinção entre orientação sexual e identidade de gênero, e pode-se perceber que essas duas questões se mesclam e se confundem nos primórdios das teorias sexuais, como por exemplo nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de Freud, em que ele investiga como se dá a sexualidade de pessoas de “sexo contrário” ou “invertidos” (FREUD, 1976: 3), categoria

que atualmente interpreta-se como referente a pessoas LGBT. As mulheres Urninds são, nesta concepção, mulheres com características psíquicas masculinas e, assim, com atração sexual direcionada a outras mulheres. Essas características masculinas fazem com que, para RÜLING, as mulheres homossexuais se distingam essencialmente das mulheres heterossexuais:

As mulheres homossexuais têm muitas características, inclinações e habilidades que normalmente consideramos válidas para os homens. Elas têm muito menos interesse na vida emocional que a mulher comum. Enquanto que para a mulher expressamente heterossexual o sentimento é quase sempre – até aqui exceções provam a regra – dominante e decisivo, a clareza e razão aguçadas predominam na Urnind. Ela é, como o homem comum, normal, mais objetiva, energética e orientada a seus objetivos que a mulher feminina; ela pensa e sente como um homem; ela não imita os homens, ela é condicionada como eles; esse é o ponto decisivo que os odiadores e caluniadores do chamado “homem-mulher” sempre ignoram, porque eles sequer tomam o tempo de fazer uma pesquisa básica sobre o homossexual. (RÜLING, 1904).

O fato de não haver a distinção entre pessoas transgênero e homossexuais na época dificulta um pouco a análise de qual tipo de Urnind a autora está se referindo.

No trecho citado, poderia-se compreender que a autora estaria referindo-se a pessoas transgênero – afinal, dizer que alguém não imita um homem, mas é condicionado como um seria, hoje, a definição de um homem trans. Consideremos, porém, que mulheres lésbicas estejam incluídas nessa definição psíquica de mulheres Urnind do trecho, uma vez que RÜLING se refere à sexualidade de personalidades como Catarina, a Grande explicitamente como bissexual ao falar de suas relações tanto com homens quanto com mulheres (RÜLING, 1904). Dessa forma, entendemos que RÜLING distingue ontologicamente os gêneros ao caracterizar os homens – e as lésbicas – como portadores de uma “clareza e razão aguçadas”, seres mais objetivos, energéticos e menos emocionais que as mulheres “normais” (RÜLING, 1904). Seguindo essa lógica, a autora defende que as mulheres homossexuais são adequadas para exercer profissões científicas por sua maior “objetividade, energia e resistência, que frequentemente faltam nas mulheres muito femininas” (RÜLING, 1904), apesar de deixar claro que considera a ideia de que o cérebro feminino é mais fraco que o masculino uma “loucura” – como temos visto até agora, a questão de RÜLING, Wollstonecraft e Engels não se dá a partir de uma hierarquização dos gêneros, mas sim de uma suposta diferença ontológica entre eles quanto a seus interesses e habilidades.

Século XX e XXI, Estados Unidos: Judith Butler

Em 1990, Judith Butler publica *Problemas de gênero* e se coloca em uma posição veementemente contrária a Beauvoir, Wittig e Freud. Para ela, a divisão dos gêneros seria uma forma ontológica de reproduzir o sistema heterossexual – concepção que Wittig claramente denuncia ao afirmar as lésbicas como fora desse sistema de gênero e sexualidade. Butler, porém, critica a posição de Wittig ao escrever que ela "parece não entrar em disputas metafísicas com os modos hegemônicos de significação ou representação" (Butler, 2016: 47) - modos, estes, que a própria Butler não explicita de que natureza seriam. A autora também afirma que

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada. (Butler, 2016:17).

Afirmar que a teoria feminista se baseia em uma categoria identificada e definida de mulheres, quando Beauvoir e Wittig estão

investigando justamente a construção social das mulheres e a associação delas com a erotização, colocando, assim, as lésbicas em outra categoria de gênero, não parece epistemologicamente viável. Assim como não parece justo com Beauvoir Butler afirmar que, para a francesa, a compulsoriedade cultural do tornar-se mulher "claramente não vem do 'sexo'" (Butler, 2016: 29), uma vez que Joan Scott nos mostra claramente que a divisão epistemológica entre gênero e sexo como construção social e dado biológico, respectivamente, foi algo que começou a ser utilizado na década de 1970.

Butler faz críticas inteiramente cabíveis ao movimento feminista de seu tempo – e, em parte, do feminismo atual – como a ideia de uma mulher universal como sujeito a ser representado politicamente, claramente uma questão muito presente nas discussões de então, levando em conta que o termo "feminismo interseccional" foi utilizado pela primeira vez em 1989, por Kimberly Crenshaw, na tentativa de criar uma vertente que justamente analisasse a partir de um ponto de vista interseccional os diversos sujeitos femininos, com destaque para as mulheres negras que a construíram.

Século XXI, América Latina: Ochy Curiel e
Mara Viveros Vigoya

Nos últimos 20 anos, o feminismo latino-americano veio ganhando cada vez mais força política e teórica e se ampliando no âmbito acadêmico através de autoras como Ochy Curiel e Mara Viveros Vigoya, ambas professoras da Universidad Nacional de Colombia. Curiel, no texto "Descolonizando o feminismo: uma perspectiva a partir da América Latina e do Caribe" critica a versão histórica do feminismo europeu pós-Revolução Francesa "como se antes desse acontecimento, em outros lugares que não são a Europa, as mulheres não houvessem se oposto ao patriarcado" (Curiel, 2009: 1) e defende como proposta epistemológica e política a descolonização, "perspectiva que articula a raça, a etnia, a classe e a sexualidade como pilares centrais da nossa política localizada em uma região particular" (Curiel, 2009: 1), associando o atual contexto social das mulheres latino-americanas com o longo processo de colonização do continente - e, conseqüentemente, desnaturalizando a ideia de um sujeito feminino universal e atemporal.

Anita Guerra é graduanda em
Comunicação Social - Jornalismo na
ECO/UFRJ.
Contato: anita.rg@hotmail.com

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. (1967). O segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- BUTLER, Judith. (2016). Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- CURIEL, Ochy. (2009). Descolonizando el feminismo: Uma perspectiva desde América Latina y el Caribe. Disponível em: <http://www.feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf>.
- ENGELS, Friedrich. (2015). A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Disponível em: <<https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2013/08/te1-engels-origem-propriedade.pdf>>.
- FREUD, Sigmund. (2006). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. (1932-1936) - Coleção Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago, Disponível em <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf>>.
- FREUD, Sigmund. (1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, Disponível em <http://apvp.com.br/biblioteca/biblioteca_19.pdf>.
- GOUGES, Olympe de. (2008). Declaração dos Direitos das Mulheres e da Cidadã. Fundação Perseu Abramo.
- RÖD, Wolfgang. (2008). O caminho da filosofia, Volume II. Brasília: Editora UnB.
- RÜLING, Anna. (1904). What Interest does the Women's Movement have in Solving the Homosexual Problem? Disponível em <<https://web.archive.org/web/20051120022127/http://undelete.org/library/library020.html>>.
- TRUTH, Sojourner. (1851). E não sou uma mulher? Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/#gs.GZ04lkg>>.
- WITTIG, Monique. (1993). One is not born a woman. In: Abelove, Henry & Barale, Michele & Halperin, David. The Lesbian and Gay Studies. Reader. London: Routledge.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. (2016). Reivindicação dos direitos da mulher. São Paulo: Ed. Boitempo.

AS EDITORAS:**Marcia Rangel Candido**

Doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-Uerj), pesquisadora associada do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP).

contato: marciarangelcandido@gmail.com

Veronica Toste Daflon

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj) e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA, IFCS-UFRJ). Atua como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG, IFCS-UFRJ) e do Global Race Project

contato: veronicatoste@gmail.com

ASSISTENTE EDITORIAL:**Mariane Silva Reghim**

Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL). contato: marianesreghim@gmail.com

ARTISTAS GRÁFICAS:**Ana Bolshaw**

Mestranda em Design na PUC-Rio, em que pesquisa identidade visual de cidades. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema na mesma instituição.

contato: anabolshaw@gmail.com

www.anabolshaw.com

Sophia Pinheiro

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). É graduada em Artes Visuais e bacharel em Design Gráfico pela mesma universidade. Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, gênero, processos de criação, na antropologia e/da arte, culturas e representações das imagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3686998218403865>

**sobre a capa:**

Para essa primeira publicação, o conceito da capa para Clássicas foi o de desabrochar uma semente, assim como o livro é.

Uma semente que vai germinar e florir para xs leitorxs e também para as futuras edições da coleção com mais mulheres teóricas.

Assim como nos ensina Cora Coralina: “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

As mulheres que estão aqui rompem as sementes. Que as ideias cresçam e floresçam nesse mundo cada vez mais temeroso.

acompanhe no youtube o **Sobre Elas** (www.youtube.com/sobreelas), dirigido por Emy Lobo, o canal veicula inúmeras entrevistas com mulheres, além de apresentar uma série de curtas com pesquisadoras sobre autoras clássicas.

